

## **Taylor Swift e a trajetória midiática sobre as pressões do corpo perfeito, machismo e discurso de ódio em Miss Americana (2020)<sup>1</sup>**

Gerson Souza Cruz<sup>2</sup>  
Ítalo Rômany de Carvalho Andrade<sup>3</sup>  
Uninassau João Pessoa

### **RESUMO**

A presente pesquisa analisa, enquanto estudo de caso, o documentário Miss Americana (2020), da diretora Lana Wilson, a partir de como se dá a relação midiática em torno da artista Taylor Swift, nas problemáticas que envolvem categorias como machismo, autodepreciação, discurso de ódio e enquadramento negativo. A partir de autores como Barthes (2004), Beauvoir (1980), Foucault (2014), Morin (2002), dentre outros, busca-se compreender a maneira como Swift, enquanto corpo feminino subjugado, teve que se reinventar para provar à mídia e ao público seu valor enquanto cantora e compositora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Taylor Swift; machismo; mídia; espetacularização; corpo.

### **CORPO DO TEXTO**

A relação da imprensa com figuras olímpicas (MORIN, 2002) é, muitas vezes, de conflitos e glórias. A título de exemplo, Michael Jackson, o rei do *pop*, foi fruto desse antagonismo, desde os videoclipes arrebatadores aos casos polêmicos estampados em capas de revistas de fofocas. Desses artistas, há uma cobrança irreparável por parte da mídia - são eles que dão manchetes que vendem. Morin (2002, p. 106-107) explica que "a imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpicos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação". Figuras olímpicas - astros do cinema, artistas célebres, pessoas famosas - são constantemente cobradas pelas roupas que usam, pelos ideais que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário Uninassau João Pessoa. E-mail: souzagerson16@gmail.com

<sup>3</sup> Professor orientador. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PpgEM/UFRN). E-mail: italoromany@outlook.com

pensam, pelos *posts* que são publicados em suas redes sociais. Pior, muitas vezes são bombardeados com publicações acerca da aparência.

Diversos exemplos podem ser citados - e de como modelos de corpos são ditados pela mídia. A cantora Madonna é altamente cobrada pelo estilo de vida e aparência em seus 60 anos de idade. Em uma determinada entrevista chegou a afirmar: "Agora eu estou lutando contra o preconceito da idade, estou sendo punida por ter completado 60 anos". A atriz Meghan Markle foi ridicularizada em diversos tabloides britânicos, que publicaram reportagens racistas contra a artista, quando descobriram que ela estava namorando o príncipe Harry. Uma reportagem do R7, em 2014, foi gordofóbica com a cantora Maria Rita cujo título informava que ela "apareceu gordinha" em show realizado na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Vemos em comum nos casos citados acima um machismo velado na mídia, além de outras problemáticas (como racismo), que resvalam sobre corpos que precisam, como nos lembra Foucault (2014), ser vigiados e punidos. O corpo dócil, dentro dos parâmetros do autor, está correlacionado ao papel das "disciplinas". Podemos pensar, assim, as influências de instituições, como a mídia, no modo de reprodução dos saberes, a título de exemplo. Foucault (2014) ressalta que um corpo dócil é um corpo útil e disciplinado. Dentro desse contexto, a partir de uma conscientização desse pensamento, é possível se "libertar" dessa doçura? Que papel a mídia possui na amplificação desses imaginários?

Em *Miss Americana* (2020), documentário de Lana Wilson sobre a artista Taylor Swift, há uma série de discussões que perpassam as representações acerca da domesticação de corpos. Para além do foco na vida e fama da compositora e cantora, o documentário da Netflix inclui a problemática da mídia em temas como autodepreciação, discurso de ódio e enquadramento negativo. Cobrada para ser perfeita, Taylor Swift se vê constantemente na cena midiática, pressionada para lançar sucessos, ao mesmo tempo enfrentando julgamentos da mídia, seja pelo corpo, seja pelas atitudes políticas. Muitas vezes sendo chamada de "puta" ou "vadia".

O documentário intimista, de caráter expositivo (NICHOLS, 2005), expõe o glamour e as dores de ser uma artista, uma figura olimpiana, entre suas fragilidades e vitórias. Além disso, ao discutir temas importantes - a exemplo do machismo - ganha ares para além da personagem Taylor Swift. É neste ponto que este artigo se caracteriza, tendo como objetivo, a partir de *Miss Americana* (2020), analisar como se dá a relação da

construção de um imaginário icônico sob o olhar da mídia. Esta que constrói e derruba mitos (BARTHES, 2001), a partir dos diversos discursos que prolifera.

Metodologicamente falando, esta pesquisa, enquanto estudo de caso, de caráter qualitativa e abordagem indireta, parte da perspectiva de explorar e ilustrar a construção de mitos e figuras olímpicas dentro de problemáticas que perpassam esse imaginário, na idealização da cobrança pelo corpo perfeito, na disciplinaridade de corpos e discursos, no apagamento enquanto mulher.

Assim, são analisadas cenas descritivas de Miss Americana (2020) - como nos minutos finais do documentário, onde Swift fala como se sente ao completar 30 anos de idade sendo uma mulher na indústria da música. Ao folhear seus diários de infância, a cantora fala que as artistas femininas que conhece tiveram que se reinventar diversas vezes para que não caíssem no esquecimento. Lembra-nos Simone de Beauvoir (1980, p. 210), ao afirmar que "não é permitido à mulher fazer uma obra positiva e, por conseguinte, fazer-se reconhecer como pessoa acabada".

### **Considerações Finais**

A partir da análise, é possível observar que as mulheres que trabalham na indústria da música estão propensas a passar por situações infelizmente corriqueiras quando se trata de um corpo feminino, mesmo estando em um patamar considerado inalcançado. Podemos entender, por meio da carreira de Taylor Swift, que o machismo é algo estrutural, afetando mulheres de qualquer status social.

Durante os primeiros anos de sua carreira, Taylor Swift foi mantida como queridinha da América, pois se tratava de uma menina branca que escrevia sobre seus relacionamentos durante a adolescência. Ao alcançar a maioridade, Taylor começou a ser questionada sobre seus relacionamentos ao invés do processo de fazer suas músicas. Sua vida amorosa agora se tornou pública.

É possível também perceber que, mesmo em situações em que a cantora sofreu algum tipo de machismo, como o momento em que um prêmio ao qual tinha ganhado pelo seu trabalho foi tomado de sua mão por um homem, que questionou seu mérito pela conquista, seu posicionamento também se torna questionável. Mesmo sendo vítima,

Taylor Swift foi assombrada durante anos pela situação que, no final das contas, acabou ocasionando seu cancelamento na internet no ano de 2016.

Podemos perceber também sua evolução em seus próprios trabalhos, ocasionadas pelas situações vividas em sua carreira, passando de composições unicamente sobre relacionamentos amorosos para letras sobre como a mídia a tratava e situações de machismo enquanto mulher na indústria da música. Cobrada para ser perfeita, Taylor Swift faz de suas dores composições.

É perceptível que mesmo um corpo feminino como o de Taylor Swift, privilegiado enquanto branco e magro, estando em um patamar social dificilmente alcançável, também passa por inseguranças, como distúrbio alimentares, e até mesmo assédio físico e moral. Tendo conhecimento de tudo pelo qual a artista já passou durante seus 16 anos de carreira, é admirável a forma como Swift passa por esses momentos e os transforma no que sabe fazer melhor: contar histórias por meio de suas músicas.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Elfos Ed. Lisboa, Edições 70, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

"ESTOU sendo punida por ter 60 anos", desabafa Madonna sobre peso de idade. **IstoÉ**. Disponível em: <<https://istoe.com.br/estou-sendo-punida-por-ter-60-anos-desabafa-madonna-sobre-peso-da-idade/>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HARRY conta como família real reagiu a racismo da imprensa contra Meghan. **UOL**. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/12/08/harry-imprensa-familia-real-meghan.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MARIA Rita aparece gordinha em show. **R7**. Disponível em: <<https://entretenimento.r7.com/musica/fotos/maria-rita-aparece-gordinha-em-show-06102019>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MISS Americana. **Netflix**. Documentário dirigido por Lana Wilson, 2020.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: O Espírito do Tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.